

## AINDA MACHADO

FOI apenas como curiosidade que apontei aqui outro dia um cochilo de Machado de Assis chamando de «baio» um cavalo que linha antes dissera ser «alazão». Acontece que o sr. A. Fonseca Pimentel mandou uma carta ao suplemento do «Diário de Notícias» dizendo, e com razão, que isso era apenas um pecado venial. E acrescenta: «Pecado capital, em matéria de descuido... parece, entretanto, haver o grande Machado cometido nas «Memórias Póstumas», onde, no capítulo VI, escreve, referindo-se aos amores de Braz Cubas e Vergília: **Havia já dois anos que nos não víamos, e eu via-a agora não qual era, mas qual fôra, quais fôramos ambos, porque um Ezequias misterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis**».

O sr. Fonseca Pimentel escreve: «... ao que nos consta, nem Ezequias nem qualquer outra personagem bíblica fêz... recuar o sol». E diz conhecer apenas o episódio em que Josué fêz parar o sol. Acaba a carta com prudência perguntando se isso «é realmente um cochilo de Machado ou se tudo não passa de deficiência de conhecimento por parte do signatário desta em relação à Bíblia».

A resposta a essa dúvida quem a deu foi o advogado e ex-deputado pelo Espírito Santo Francisco Gonçalves — o querido dr. Chiquinho lá de Cachoeiro — que logo no domingo pela manhã me telefonou e me mandou ler Isaías, XXXVIII, 8, onde o sol é efetivamente recuado. Verdade que não o foi por Ezequias; foi recuado de dez graus pelo próprio Senhor, empenhado em salvar Ezequias das mãos do rei da Assíria; e é pela boca de Isaías que o Senhor anuncia isso a Ezequias.

O cochilo, portanto, foi mínimo, pois se Ezequias não recuou o sol, o Senhor o fêz por amor d'ele.

Mas quem tem razão é Dinah Silveira de Queirós: Machado de Assis não ganha nada em ter republicada em edição popular sua obra completa, que só pode interessar aos estudiosos de literatura; para o público leitor bastariam três romances — «Memórias Póstumas de Braz Cubas», «Quincas Borba» e «Dom Casmurro», e mais um volume de contos. Eu acrescentaria: e outro de crônicas.

Já que editoras particulares, inclusive a Aguilar, se interessam em publicar a obra completa em edição crítica, entendo que seria mais interessante que a comissão do Ministério da Educação editasse apenas uma seleção dessa obra, se possível ilustrada e com uma apresentação atraente, e não com aquela cara de coisa oficial que enxota o leitor. Assim poderíamos ter o bom Machado, o melhor Machado, realmente ao alcance do grande público; quanto ao seu teatro e aos seus livros de poesia, o melhor é esquecer tudo; bastaria citar no prefácio o soneto a Carolina — momento único e sagrado em que o espírito de Camões guiou a mão já trêmula do grande viúvo.

Falar nisso: que visão mais delicada, mais simples e comovente nos ficará de Machado de Assis que essa que Otávio Tarquínio e outros tiveram nos últimos anos de sua vida: o velhinho, domingo pela manhã, descer do bonde Laranjeiras no Largo do Machado e tomar o Real Grandeza, empunhando um ramo de flôres para o túmulo de Carolina, no Cemitério de São João Batista. Bondes de segunda, porque nos de primeira não era permitido levar embrulho...